

Mídia e debate público: contribuições da *BBC News Brasil* e da *Deutsche Welle* para a opinião pública sobre o movimento antivacinação no Brasil

*Media and public
debate: the BBC News
Brasil and Deutsche
Welle contributions to
the public opinion on
the anti-vaccination
movement in Brazil*

Ana Carolina Pontalti Monari¹

1.
Mestranda em comunicação pelo
Programa de Pós-graduação em
Comunicação da Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação
(Faac) da Universidade Estadual
Paulista (Unesp), campus de Bauru.
É bolsista Capes e pesquisa os
temas mídia e saúde pública.
E-mail: capmonari@gmail.com.

Resumo

Com raízes na Europa e nos Estados Unidos, o movimento antivacinação vem crescendo no Brasil e pode ser uma das explicações para a queda da taxa de vacinação no país. Sabendo do potencial dos meios de comunicação em promover o debate público na sociedade, este artigo busca verificar as possibilidades de contribuição da mídia para o fomento da opinião pública sobre os movimentos antivacinação no Brasil. Foram feitas análises de reportagens sobre a temática publicadas pela BBC News Brasil e pela Deutsche Welle. Com o apoio das teorias de opinião pública e midiaticização e com base na análise hermenêutica, os dados obtidos pela investigação mostraram que ambos os conteúdos fomentaram parcialmente a opinião pública, uma vez que não "ouvaram" os dois lados da questão.

Palavras-chave

Mídia. Opinião pública. Movimento antivacinação.
BBC News Brasil. Deutsche Welle.

Abstract

growing in Brazil and may be one of the explanations for the decrease in the country's vaccination rate. Knowing the potential of the media to promote public debate in society, this article aims to verify the possibilities of media contribution to the promotion of public opinion on the anti-vaccination movements in Brazil. News about this subject published by BBC News Brasil and Deutsche Welle were analyzed. With the support of the theories of public opinion and mediatization and based on the hermeneutical analysis, the data obtained by the research showed that both contents partially promoted public opinion, since they did not "listen" to both sides of the issue.

Keywords

Media. Public opinion. Anti-vaccination movement. BBC News Brasil. Deutsche Welle.

Introdução

O Ministério da Saúde do Brasil lançou em agosto de 2018 uma campanha publicitária para alertar sobre a importância de manter a vacinação em dia. O conteúdo buscava, de acordo com o órgão público (BRASIL, 2018), mostrar que as baixas coberturas vacinais podem ser perigosas, uma vez que abrem caminho para a reintrodução de doenças já eliminadas no país e que podem até ocasionar mortes.

Desde 2016, o Brasil vem apresentando números decrescentes na cobertura vacinal, o que gerou um alerta para os profissionais do Ministério da Saúde em função do risco da reintrodução de enfermidades já erradicadas no país, como a poliomielite, sarampo e rubéola. Os dados preliminares divulgados pela pasta mostravam que a cobertura vacinal de crianças menores de dois anos até agosto de 2018 ainda não era a ideal, pois girava em torno de 50% a 70%. O órgão preconiza que a taxa seja acima de 90% ou 95%, a depender da vacina.

Ainda de acordo com o comunicado do Ministério da Saúde, as principais causas para a queda da vacinação são o sucesso do Programa Nacional de Imunizações (PNI) – como não há a circulação de certas doenças no Brasil, como a poliomielite, a população acredita que não

existe a necessidade de se vacinar ou de imunizar seus filhos e dependentes – e a desinformação provocada pela propagação de mensagens falsas nas redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp*.

Sabe-se, no entanto, que esse movimento antivacinação não é exclusivamente uma iniciativa que ocorre em solo brasileiro. Há ações semelhantes sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, sendo que neste último os pais podem não imunizar seus filhos sob alegação de razões filosóficas ou religiosas (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015).

Vasconcellos-Silva, Castiel e Griep (2015) explicam que já se percebem destaques na mídia sobre eventos contrários à imunização há quase três décadas. Segundo os pesquisadores, reações adversas às vacinas contra difteria/tétano/coqueluche e a triplice (conhecida como MMR nos países de língua inglesa) “talvez tenham influenciado a ‘aversão filosófica’ dos pais que aderiram ao movimento antivacinação” (idem, p. 609). Outro fator que pode ter contribuído para aumentar os adeptos dessa iniciativa é a associação entre a vacina triplice contra sarampo, caxumba e rubéola (MMR) e o autismo, embora essa circunstância já tenha sido cientificamente negada e desmentida.

A objeção à vacinação também pode ter razões históricas graças aos frequentes momentos de embate entre intervenções públicas imunizadoras e discursos de evocação às liberdades individuais. Os autores trazem como exemplo um episódio sucedido em 1853, na Inglaterra, em que a vacinação se tornou obrigatória por força de um ato governamental e gerou manifestações de desaprovação da classe média alta. Considerada como uma atitude inadmissível em um estado liberal, “pais ingleses se organizaram em defesa da liberdade de arbitrar sobre o estado imunológico de seus filhos, do que decorreu em alta mortalidade por infecções não observadas nos territórios que aderiram à vacinação” (idem, p. 608).

Esse tipo de comportamento foi observado tanto na Europa quanto nas Américas. No Brasil, é possível destacar o episódio da Revolta da Vacina, no início do século XX, em que a população do Rio de Janeiro se manifestou contra a campanha de vacinação obrigatória posta em prática pelo sanitarista Oswaldo Cruz.

Mesmo com a ocorrência de ações populares, a intervenção do poder público nesse tema se justifica sob perspectivas ético-sanitárias fundamentadas por princípios epidemiológicos. Nessa dinâmica, os não imunizados estarão mais seguros em um ambiente de vacinados do que o contrário - ou seja, os imunizados são mais vulneráveis nos bolsões nos quais não houve cobertura vacinal suficiente (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015).

Diante dos fatos apresentados, é importante e necessário que os cidadãos tenham acesso às informações para poder tecer seus próprios pensamentos e opiniões sobre o movimento antivacinação e possibilitar tomadas de decisões conscientes sobre si e seus dependentes. O jornalismo, portanto, se torna de grande valia para fomentar o debate público sobre o assunto, mostrando as problemáticas presentes no tema e apontando para as possíveis consequências da não imunização da população. Com textos, imagens e vídeos, a mídia pode oferecer mecanismos para a construção de uma discussão aprofundada sobre a iniciativa, buscando, por exemplo, diminuir o número de pessoas que são contra a vacinação ou aumentar a cobertura vacinal das campanhas promovidas pelo Ministério da Saúde. Os veículos de comunicação também podem proporcionar a compreensão das razões que levam as pessoas a aderirem à essa iniciativa, mostrar quais são os desdobramentos desse tipo de ação em outras nações do mundo e reduzir a propagação de "notícias" falsas.

O objetivo deste artigo é, portanto, verificar como a mídia pode contribuir para fomentar o debate público sobre o movimento antivacinação no Brasil. Como essa ação tem raízes nos países europeus e nos Estados Unidos, optou-se pelo estudo do tratamento dado pelos veículos estrangeiros com sede no Brasil sobre essa temática. Diante da identificação de elementos das reportagens produzidas pela *BBC News Brasil* (inglesa) e pela *Deutsche Welle* (alemã), pretende-se verificar como essas notícias podem colaborar para promover a opinião pública sobre o assunto. Para isso, serão utilizadas teorias sobre opinião pública e midiatização e a análise hermenêutica que servirão, respectivamente, de aportes teóricos e metodológicos para a investigação.

Mídia, opinião pública e midiaticização

Os cidadãos têm, por meio da mídia, acesso a diversos tipos de conteúdo. Desde política até cultura, eles podem se informar sobre novas possibilidades, descobrir soluções para seus problemas cotidianos e, conseqüentemente, promover discussões baseadas nas informações apresentadas pelos veículos de comunicação.

No âmbito da saúde pública, a mídia tem, além do papel de informar, a pretensão de "traduzir" conteúdos densos, de cunho científico, para a população. Isso se deve ao fato de que "a produção do jornalista e a do cientista detêm aparentemente enormes diferenças de linguagem e finalidade" (OLIVEIRA, 2012, p. 43).

Os textos científicos são feitos, de acordo com Oliveira (2012), para um grupo específico de pessoas. Sua redação possui linguagem prolixa, normas rígidas de padronização e normatização e a produção de um trabalho, geralmente, é resultado de anos de investigação. O conteúdo jornalístico, por outro lado, almeja atingir o grande público. Sua escrita é coloquial, efêmera e rápida e o texto tem que o ser o mais enxuto possível para caber na página do jornal, da revista e do site ou nos minutos destinados para ele nos programas radiofônicos ou televisivos.

(...) o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de C & T, mas o conhecimento científico pode ser utilizado para melhor compreender qualquer aspecto, fato ou acontecimento de interesse jornalístico. A ciência ajuda a entender os fenômenos sociais e a interpretar as causas e conseqüências dos fatos de interesse jornalístico. (idem, p. 47).

Embora o jornalismo possa ser de grande valia para promover o entendimento e o debate sobre assuntos que permeiam o cotidiano da população, como questões sobre saúde pública, nem sempre as reportagens produzidas atingem esse objetivo. Oliveira (2012) salienta que há uma falta de visão crítica no relacionamento entre jornalistas e cientistas, o que faz com que os repórteres sejam "porta-vozes" subservientes da Ciência com uma ausência de abordagem criteriosa, que pode gerar notícias equivocadas e a uma visão estereotipada da própria Ciência.

Pereira Júnior (2001) defende que, para que haja participação em saúde, é preciso informação. "Essa, entendida como conceito, implica a realidade transmitida em linguagem simples, precisa e clara" (idem, p. 439). O jornalista, no entanto, na busca por oferecer rapidamente o conteúdo para o seu público pode produzir equívocos.

Nas notícias relacionadas às questões ambientais e de saúde pública, o problema parece ainda maior. A mídia, na ânsia de levar informação e de chamar a atenção do público – até por saber que esse tipo de notícia desperta a curiosidade das pessoas – publica informações erradas, distorcidas e que acabam, muitas vezes, levantando falsos alarmes. (GIULIO; FIGUEIREDO, 2006, p. 348).

Fausto Neto (1999) defende que a mídia seja uma instância de produção do real. Ele afirma:

(...) a importância das mídias como um dos dispositivos instituidores do espaço público, na medida em que, pela sua ação ritualística e cotidiana, as mídias vão, não só anunciando a noção de realidade, mas convertendo-se, elas mesmas, como lugar pelo qual a realidade não só passa por elas, mas também se faz nelas. (idem, p. 16).

O conceito de opinião pública pode ser definido como imagens que são feitas por um grupo de indivíduos ou por pessoas agindo em nome dos grupos. Embora a mídia tenha grande participação na formação da opinião pública, é inegável o fato de que os cidadãos estão em contato com complexidades de todas as espécies, com interesses econômicos e ambição, animosidade pessoal, preconceitos e sentimentos de classe etc. Essa relação distorce a leitura, o pensamento e o comportamento do sujeito de várias formas (LIPPMANN, 2008).

Os conteúdos que chegam ao público são carregados não apenas de pressupostos da empresa de comunicação, mas também do próprio jornalista, que traz consigo seus anseios, dúvidas e medos. Para formar a sua própria opinião, o indivíduo se utiliza de sua "bagagem" de mundo e das informações que obtém dos veículos jornalísticos, que lhe proporcionam a possibilidade de construir o seu ponto de vista sobre diferentes questões.

O que cria a maioria das impressões que nos chegam do mundo invisível é um tipo de pantomima apresentado à exaustão como devaneio. O número de vezes que nós conscientemente decidimos qualquer coisa sobre eventos além de nossa visão é pequeno, e cada opinião de um homem do que ele poderia realizar, se tentasse é tênue. Há raramente um assunto prático, e, portanto, um hábito pequeno de decisão. Isso seria mais evidente não fosse o fato de que a maioria da informação quando nos chega carrega consigo uma aura de sugestão de como devemos sentir as notícias. Aquela sugestão nós precisamos, e se nós não a encontramos nas notícias nos voltamos aos editoriais ou a um conselheiro confiável. (LIPPMANN, 2008, p. 205).

O advento da internet e das redes sociais proporcionou uma transmissão mais rápida do conteúdo jornalístico, além de ser um novo espaço para o debate público. Martino (2015) acredita que a Rede Mundial de Computadores apresenta um potencial de engajamento cívico considerável, na medida em que, para além da política partidária, a defesa de causas, interesses e estilos de vida encontram repercussão nessa forma específica de espaço.

Ele explica que as discussões, os comentários em blogs e vídeos e as interações nas redes sociais digitais oferecem possibilidades de engajamento cívico em questões relacionadas à vida nas cidades, mesclando discussões on-line e resultados offline.

Mesmo antes dos computadores, é possível afirmar que a mídia preenchia um espaço significativo na vida dos cidadãos. O conceito de mídiatização foi incorporado nos estudos de Comunicação a partir dos anos 2000, mas o fenômeno ao qual o pensamento se refere já ocorria muito antes disso. O termo "sociedade mídiatizada", por exemplo, está relacionado ao fato de as mídias ocuparem um lugar central nas experiências cotidianas. John P. Thompson defendia essa concepção desde a década de 1990:

(...) o surgimento e a posterior expansão dos meios de comunicação, do jornal do século XVIII até a televisão, gerou uma sociedade progressivamente "medializada" ("medialization"), isto é, no qual a presença dos meios é

2. Embora tenham sedes no Brasil e o seu conteúdo seja escrito em português, os escritórios centrais da BBC News Brasil e da Deutsche Welle estão localizados, respectivamente, no Reino Unido e na Alemanha.

constante. A "medialização" da sociedade pode ser notada na medida em que o espaço público é progressivamente compartilhado pelos cidadãos que discutem as informações recebidas pela mídia. (MARTINO, 2015, p. 236).

Stig Hjarvard (2013), por outro lado, faz uma proposta de mídiatização baseada no fato de que o indivíduo, a partir de sua relação com a mídia, altera suas práticas. Para ele, o conceito refere-se ao processo pelo qual a sociedade vai se tornando dependente progressivamente da lógica da mídia, uma vez que elas estão cada vez mais integradas nas operações de todas as instituições sociais.

Sendo assim, é possível depreender que a mídia também redefine o modo como as ações são realizadas no âmbito da saúde pública, afinal, "os meios de comunicação são um dos principais, senão o principal, intermediário entre indivíduos e o mundo" (MARTINO, 2015, p. 248).

Sabendo que os meios de comunicação transformaram a maneira como o cidadão se relaciona com as instituições sociais, é válido, portanto, compreender como ocorre o processo de fomento da opinião pública por meio da mídia em questões de saúde pública. Afinal de contas, as reportagens sobre tópicos relacionados à saúde podem colaborar para a tomada de decisões dos indivíduos e para a construção de suas próprias opiniões, além de reforçar crenças existentes na vida em comunidade. Entender como funciona esse processo pode ajudar a interpretar a sociedade atual, que é mídiatizada, e reduzir, consequentemente, a propagação de notícias falsas, uma vez que os veículos de comunicação podem servir de respaldo e confirmação de informações e saberes.

Objetivos e metodologia

Este artigo busca verificar as possibilidades de contribuição da mídia para o fomento da opinião pública sobre o movimento antivacinação no Brasil. Optou-se por dois veículos estrangeiros² (BBC News Brasil e Deutsche Welle) para compreender como essa iniciativa é vista em outras nações do mundo e quais são os seus impactos na realidade brasileira. Essa escolha também se justifica pelo fato de a ação contra imunização ter se iniciado nos países

européus e nos Estados Unidos, sendo que só recentemente ganhou adeptos no Brasil.

Em um primeiro momento, buscou-se fazer uma breve contextualização sobre os conceitos de mídia, opinião pública e midiaticização, principalmente porque os conteúdos produzidos pelas empresas de comunicação inglesa e alemã estão inseridos na internet. Teorias sobre opinião pública e midiaticização foram fundamentais para se compreender o contexto em que o movimento antivacinação está inserido e o papel que a mídia pode desempenhar no tratamento de assuntos relativos à saúde pública, além do seu impacto para o debate público.

O segundo momento deste estudo está focado na análise de cinco reportagens, sendo duas da *Deutsche Welle* e três da *BBC News Brasil*. Para selecionar as notícias a serem analisadas, foi feita uma pesquisa no buscador de ambos os sites com o uso das palavras-chave "movimento antivacinação", "contra vacina" e "antivacina". No site da *Deutsche Welle*, os dois primeiros termos não trouxeram resultados e o último recuperou duas notícias; na *BBC News Brasil*, a pesquisa com a primeira palavra-chave escolhida para este estudo recuperou três matérias.

Depois da seleção dos textos, foi utilizada a análise hermenêutica para verificar os pressupostos presentes no conteúdo jornalístico, uma vez que ela se propõe a:

(...) mostrar o papel da interpretação como um processo, uma metodologia, que busca descobrir o originalmente escondido por uma tradição que nos foi legada por exegese distorcida, usando para tal de uma destruição, ou seja, de uma desconstrução hermenêutica. A desconstrução hermenêutica, assim, não critica o passado, mas o presente e sua abordagem distorcida, subvertendo as explicações tradicionais e seus conceitos dogmaticamente inquestionados, não destruindo de fato, mas procurando revelar possibilidades ainda não percebidas. (BASTOS; PORTO, 2017, p. 316).

Heidegger (apud SEIBT, 2016) afirma que, por meio da hermenêutica, é possível superar o dualismo metafísico que faz uma divisão entre o mundo sensível e inteligível através do modelo de relação sujeito-objeto. Sendo assim,

o conhecimento "se dá numa operação que só é possível uma transparência provisória, visto que ela sempre terá de ser novamente refeita a partir do horizonte do ser-no-mundo e da historicidade. Não é possível totalidade" (idem, p. 203).

Bastos e Porto (2017) explicam que essa metodologia opera sob dois tipos de ângulos: pertencimento (*belongness*) e distanciamento (*distanciation*), que podem ser transformados pragmaticamente em outra dupla operação – *deconstruction e recovering of meaning*, que podem ser compreendidas por desconstrução, desmistificação, desmitologização e restauração de sentido.

O sociólogo John Thompson (2007), retomando as ideias de Heidegger, propõe um novo referencial metodológico. O autor apresenta o método interpretativo da hermenêutica de profundidade que se baseia em três fases de análise, e aborda não somente o caráter objetivo e formal do campo analisado pelo investigador, mas também sua dimensão subjetiva e essencialmente simbólica.

Em sua obra *Ideologia e cultura moderna* (2007), Thompson apresenta essas três etapas como sendo: análise sócio histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. Na primeira, o pesquisador irá investigar as condições sociais e históricas em que as formas simbólicas foram estabelecidas. Nesse sentido, é preciso descrever situações espaço-temporais, reconstruir ambientes ou campos de interação e suas regras, além das instituições sociais. Os meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão também são estudados, pois as formas simbólicas precisam se adequar a esses meios que, por sua vez, fazem parte de aparatos institucionais que lhe conferem características próprias (GOMES, 2015).

Na fase da análise formal ou discursiva, busca-se investigar a organização interna das formas simbólicas indicando suas características e relações estruturais. Para isso, pode-se usar diversos métodos, tais como análise da conversação, semiótica e análise sintática, entre outros. A última etapa, chamada de interpretação/reinterpretação, oferece um procedimento que sintetiza a análise formal ou discursiva apresentando possíveis significados e referências (GOMES, 2015; THOMPSON, 2007).

Diante desses pressupostos, o pesquisador que utiliza essa metodologia faz uma ida e vinda ao texto

com o propósito de verificar os sentidos que não estão "claros", fazendo, portanto, o exercício de compreender e interpretar o conteúdo para revelar os significados que estão ocultos. A tarefa interpretativa, entretanto, é aberta e pode proporcionar significados divergentes daqueles propostos pelos sujeitos analisados, sendo, portanto, uma projeção de possíveis significados.

Em síntese, a hermenêutica possibilita, por meio da interrogação e da reinterpretação, reelaborar historicamente os sentidos e os significados da compreensão humana, estabelecendo uma construção de uma ação comunicativa na abrangência da dimensão comunicacional (BASTOS; PORTO, 2017).

Análise das reportagens produzidas pela *Deutsche Welle*

A *Deutsche Welle* é uma empresa de comunicação internacional com sede oficial na Alemanha. O conteúdo produzido pela emissora de jornalismo independente pode ser encontrado em 30 idiomas, inclusive em português, que é o idioma oficial do Brasil. Para selecionar as notícias a serem verificadas neste artigo foi feita uma pesquisa prévia no buscador com as palavras-chave "movimento antivacinação", "contra vacina" e "antivacina". Dessa busca, foram recuperados dois textos jornalísticos, que serão decodificados a seguir.

A primeira reportagem do portal a ser analisada é "Como é a vacinação pelo mundo", da jornalista Laís Modelli, publicada no dia 13 de julho de 2018. O intertítulo da matéria apresenta a seguinte informação: "Enquanto o Brasil é um dos países mais rigorosos no que diz respeito ao calendário de vacinação nacional, europeus costumam ser mais flexíveis. Movimentos antivacinas e surtos de sarampo preocupam mundo afora". O trecho sugere que a ação promovida por parte da população contra as vacinas e o aumento do número de casos de doenças, que antes não preocupavam mais as autoridades sanitárias, estão atraindo a atenção em diversos países.

O texto começa abordando a epidemia de varíola que assolou o mundo no início do século XX e como os esforços de diversas nações proporcionaram a sua erradicação nos anos 1960 após campanhas de vacinação.

De acordo com a reportagem, a imunização foi decisiva para que enfermidades fatais fossem controladas. Porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu um alerta em 2015 informando que uma em cada cinco crianças no mundo não recebe as vacinas básicas.

Embora o site seja alemão, a reportagem é escrita em português e, evidentemente, é voltada para o público brasileiro, pois o país é citado no primeiro parágrafo e também no quarto. Neste há uma explicação de que pelo menos 312 cidades estão sob alerta para a volta do vírus causador da poliomielite, além de uma citação de que foram registrados 995 casos de sarampo em solo brasileiro somente entre 1º de janeiro e 23 de maio de 2018.

O conteúdo traz a informação de que a baixa imunização apresentada na última década é atribuída a movimentos de contestação de vacinas, que argumentam contra a quantidade de vacinas que devem ser tomadas ao longo da vida, duvidam sobre a segurança do medicamento e, até mesmo, propagam teorias da conspiração que ligam esses compostos à casos de autismo ou à morte.

De forma bem instrutiva e informativa, a matéria da *Deutsche Welle* ainda traz dados do Ministério da Saúde do Brasil que alerta para o esquecimento da população sobre determinadas enfermidades que não ocorriam mais no território brasileiro, fazendo com que essas pessoas não vejam mais a necessidade de se vacinarem ou de vacinarem seus filhos. A reportagem do site segue com noções sobre vacinação em todo o mundo. Há citação sobre quais são as imunizações recomendadas mundialmente, como a tríplice viral e contra os vírus do sarampo, rubéola e caxumba, entre outros. A jornalista Laís Modelli explica que cada país tem o seu próprio calendário de vacinação, que segue recomendações globais e regionais da OMS e que podem mudar de tempos em tempos de acordo com eventos locais.

Ela reforça, assim como no intertítulo, que em alguns países da Europa esse calendário é mais flexível e contempla menos vacinas em relação à América - o esquema brasileiro seria o mais rigoroso, com imunizações obrigatórias. Outras informações sobre os demais continentes (África, Ásia e Europa) foram divulgadas no pé da página em forma de intertítulos. O que chama a atenção,

3.
O termo fake news pode ser definido como artigos noticiosos produzidos para serem intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, podendo, portanto, enganar os leitores que tiverem contato com esse material (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

no entanto, é que embora o título indique que será explicado como funciona a vacinação no mundo, não há qualquer informação sobre as nações que compõem a Oceania – como a Austrália e a Nova Zelândia.

Uma crítica que pode ser feita ao portal é sobre a opção por não usar especialistas da área da saúde como fontes, utilizando apenas dados de agências como a OMS e o Ministério da Saúde. Médicos, enfermeiros, sanitaristas e imunologistas, por exemplo, poderiam trazer uma versão mais científica sobre esse movimento antivacinação. É necessário salientar que a reportagem em nenhum momento procura saber os motivos que levam as pessoas a não se vacinarem, ou seja, não há nenhum representante dessa ação alegando suas razões para não se imunizarem ou não imunizarem seus filhos e netos.

O uso de fontes oficiais e personagens é uma das premissas do jornalismo, utilizadas para confirmar ou refutar supostas hipóteses levantadas pelo repórter ao longo do texto. Charaudeau (2015) explica que, em relação à fonte:

"(...) para além da questão de saber qual é a natureza da informação, coloca-se uma primeira questão que concerne à sua validade, isto é, o que constitui seu valor de verdade. (...) Há uma segunda questão que se coloca a respeito da fonte; trata-se da seleção da informação, seleção que se opera num conjunto de fatos que parecem impossíveis de transmitir sua totalidade." (CHARAUDEAU, 2015, p. 37).

Publicada no dia 24 de agosto de 2018, a segunda reportagem sobre o assunto publicada pela *Deutsche Welle* tem como título "Estudo diz que trolls incitam debates antivacinas". O conteúdo da notícia aborda, além da questão do movimento antivacinação, a problemática das *fake news*³, como o ilustrado pelo intertítulo "Pesquisadores de universidade dos EUA afirmam que perfis falsos nas mídias sociais disseminam 'informações nocivas à saúde', provocando crescimento do risco de pandemias globais".

O texto jornalístico é curto quando comparado à reportagem anterior e não apresenta a assinatura de nenhum jornalista responsável, sendo, portanto, assinado como "Da redação". A notícia traz a informação de um

novo estudo publicado pela revista científica *American Journal of Public Health* que afirma que as mídias sociais estão sendo usadas para espalhar conteúdo nocivo à saúde, como material contrário às vacinas. A pesquisa teria sido desenvolvida na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, nos Estados Unidos, e teria descoberto que *bots no Twitter e trolls* russos seriam responsáveis pela disseminação de desinformações que podem aumentar os riscos de pandemias globais. O estudo ainda informa que esses mesmos *trolls* e *bots* postam mais conteúdos sobre vacinação no *Twitter* que usuários comuns.

Embora a reportagem reafirme o alerta divulgado pela revista científica americana de que o conteúdo anti-vacina apresenta riscos significativos à saúde pública, não há nenhuma menção de especialistas da área para trazer outros pontos de vista sobre o assunto. Todo o conteúdo é baseado no relatório apresentado pelos pesquisadores de Baltimore, o que demonstra que o portal de notícias não buscou se aprofundar na temática, algo que poderia ser feito com a utilização de outros tipos de fontes e dados do Ministério da Saúde do Brasil.

O uso de pesquisas estrangeiras não é incomum no jornalismo científico. Oliveira (2012) afirma esse pensamento ao dizer:

Outro ponto que dificulta a divulgação da ciência brasileira é a forte influência de fontes originárias de países desenvolvidos no noticiário nacional, facilmente comprovada pelo amplo uso de material jornalístico produzido nas agências noticiosas e governamentais desses países. (idem, p. 40).

Holzbach e Gomes (2006) reforçam que essa estratégia garante legitimidade ao texto jornalístico.

No caso dos textos sobre saúde, a referência de opiniões e pesquisas norte-americanas confere à matéria uma legitimidade adquirida por meio do status que esse tipo de fonte proporciona. O jornalismo praticado no Brasil é fortemente pautado em questões veiculadas e levantadas em terras norte-americanas. Em se tratando de saúde, por conseguinte, não poderia ser diferente. (idem, p. 77).

É fato que a mídia tematiza o mundo e a sociedade tematiza a mídia (BRAGA, 2006), porém, também é fato que o jornalista, no anseio de publicar o quanto antes a notícia, se "esquece", muitas vezes, do ideal informativo de seu produto. Assim, :

"... a ansiedade da imprensa reside mais em conquistar a atenção do público e vendê-la aos anunciantes do que servir com informação privilegiada e relevante aos indivíduos".. (LIPPMANN (2008 p. 14)

A forma como foi produzida a segunda reportagem analisada por este artigo mostra que o portal de notícias se focou em ser apenas transmissor de informações ou divulgador da Ciência. Evitou-se, portanto, ir além do senso comum, como preconiza Olinda do Carmo Luiz (2004):

Desta forma, ao jornalismo científico cabe não se deixar ofuscar pela evidência do senso comum, permitindo a emergência da dúvida, permitindo assim o surgimento do novo. É necessário questionar o que diz o cientista e para isso o jornalista deve assumir uma perspectiva diferente daquela da sua fonte. (LUIZ, 2004, p. 18).

As matérias publicadas pela *Deutsche Welle* se apresentam como uma importante fonte de informação sobre calendários de vacinação, traz alguns pontos sobre como funciona o esquema de imunização brasileiro, além do mundial, e aborda a problemática ocasionada pela propagação de notícias falsas. Os conteúdos, no entanto, não trazem noções claras sobre como funciona o movimento antivacinação, quais motivos levam essas pessoas a evitarem o contato com as vacinas e quais as razões para essa ação estar crescendo em todo o mundo. Embora haja uma reportagem focada na questão de perfis falsos que oferecem informações inverídicas, não há um aprofundamento ou detalhamento sobre os motivos que levam à criação desses mesmos perfis nas redes sociais. Há dados do Ministério da Saúde do Brasil e também de agências especializadas, como a OMS, principalmente no primeiro texto. Porém, é preciso ressaltar que não existem, em ambas as reportagens, citações de especialistas da área da saúde, fato que poderia contribuir para

o debate público sobre o tema, uma vez que a mídia "se apresenta como um dos campos mais importantes para influenciar não só comportamentos individuais e coletivos, como outros campos, criando assim uma espécie de unidade ideológica dos espaços sociais" (PITTA, 1995, p. 4). Dessa forma, é possível constatar que a publicação trata o tópico de forma pertinente, entretanto, de maneira superficial.

Análise das reportagens produzidas pela *BBC News Brasil*

A pesquisa prévia feita no buscador do site da BBC News Brasil com as palavras-chave "movimento antivacinação", "contra vacina" e "antivacina" recuperaram três textos jornalísticos, sendo que dois foram produzidos no ano de 2018 e um em 2017.

Publicada no dia 20 de fevereiro de 2018, a primeira reportagem (OMS, 2018) a ser analisada tem como título "OMS vê 'tragédia' em aumento de 400% nos casos de sarampo na Europa" e contou com a apuração de Camilla Costa, da BBC Brasil em São Paulo. O portal faz parte do grupo inglês British Broadcasting Corporation (BBC), que detêm o monopólio do rádio na Grã-Bretanha e começou a expansão dos seus domínios em 1932 - primeiramente para os países que haviam feito parte do Império Britânico e, posteriormente, para países de línguas estrangeiras. O início do serviço de notícias em português, de acordo com o site oficial da BBC News Brasil, ocorreu em 14 de março de 1938 e sua primeira reportagem abordava as implicações e o andamento da Segunda Guerra Mundial.

Se a matéria da *Deutsche Welle* tratou o assunto de forma superficial, a *BBC News Brasil* deu "profundidade" ao tema, com pareceres de especialistas e de diretores de organizações mundiais focadas em saúde, além de dados sobre a realidade de diferentes países, como Romênia, Ucrânia e Itália.

Utilizar o termo "tragédia" relacionado à Organização Mundial de Saúde (OMS) tanto no título quanto no intertítulo dá tom de alerta sobre a problemática, uma vez que houve o aumento de 400% nos casos de sarampo em 2017 na Europa. O primeiro parágrafo traz o dado de que os 53 países do continente contabilizaram 21.315 casos

da doença, sendo que 35 deles resultaram em morte. Essa alta, segundo a reportagem, foi "puxada" por Romênia, Itália e Ucrânia e as informações foram divulgadas durante um encontro dos ministros da Saúde europeus em Montenegro.

O quinto parágrafo traz à tona que a principal razão para o aumento do número de casos de sarampo na Europa são as falhas nos programas de imunização, além de pouca cobertura de grupos marginalizados, interrupção na entrega de vacinas e falhas nos sistemas de vigilância sanitária de diversos países. Não há menção de culpabilização do movimento antivacinação nessa situação.

Para complementar a informação e conduzir elementos para fomentar o debate público, a reportagem oferece diversos aspectos, como os sintomas da enfermidade, números de casos registrados em alguns países europeus e "falas" de especialistas, como da diretora da OMS para a Europa, Zsuzsanna Jakab.

O intertítulo "Teorias anticientíficas" começa a abordar o movimento antivacinação na matéria que, de acordo com o texto e com os especialistas entrevistados, é responsável pelo problema europeu em relação à imunização. O trecho "um grupo de pais ainda acredita em uma possível ligação entre a vacina contra o sarampo e o autismo - hipótese levantada em uma pesquisa de 20 anos atrás que foi desacreditada pela comunidade científica" comprova esse fato.

De acordo com a notícia produzida pela *BBC News Brasil*, para evitar que essa ação crescesse na Itália, a segunda nação com maior número de casos de sarampo na Europa em 2017, o governo determinou que as crianças de até seis anos de idade deveriam ser vacinadas contra 12 doenças comuns antes de serem matriculadas em escolas públicas, caso contrário, os pais podem ser multados em até 2,5 mil euros, segundo a publicação.

Esse tipo de construção narrativa pode auxiliar no fomento do debate público sobre o assunto, pois traz exemplos de outras realidades para o tratamento do tema que podem ser absorvidos pela população e, até mesmo, pelo governo local - no caso, o brasileiro.

Quando o sujeito é lembrado sobre a sua fragilidade e as doenças que o rondam, a comunicação estará servindo,

também, para lembrá-lo das suas dores, da sobrevivência, do medo, da morte. Para alertá-lo sobre a proximidade ou distanciamento da perfeição, da felicidade. (WEBER, 1995, p. 164).

O último intertítulo aborda o Brasil, nação que sedia a *BBC Brasil*. O texto ressalta que não há registro de casos de sarampo no país desde julho de 2015 de acordo com informações do Ministério da Saúde, que considera a doença erradicada. O órgão, entretanto, ratificou a necessidade de reforçar a vacinação tríplice por causa do aumento do número de casos na Europa, o que comprova que, em uma sociedade globalizada, as situações vivenciadas em outros continentes podem refletir na comunidade onde se vive. O texto se encerra com instruções sobre a imunização contra a patologia, como idade e número de doses.

A reportagem apresentada pelo portal que faz parte do grupo inglês de comunicação é relativamente aprofundada, com dados, informações e pareceres de especialistas, fato que pode contribuir para a construção da opinião pública sobre o assunto, uma vez que há diversos elementos para que a população possa emitir o seu parecer sobre o tema. Não há, no entanto, nenhuma citação de apoiadores do movimento antivacinação, o que não contribui para o oferecimento de um conteúdo isento de opiniões. O leitor da *BBC Brasil* é somente levado a pensar nas implicações que o ato de não se vacinar ou de não imunizar seus filhos, por exemplo, ocasiona. Porém, não há a versão das pessoas que decidiram não tomar esse tipo de medicamento. Trazer o parecer desses indivíduos contribuiria para uma pluralidade de "vozes" no texto.

É fato que o discurso midiático se apropria de elementos que são externos aos grupos com os quais se relaciona. Essa medida busca aproximar, por exemplo, a classe médica da população. No entanto, essa mesma transposição pode gerar conflitos, como afirma Rodrigues (2012):

O fato de o discurso midiático se apropriar exclusivamente da componente exotérica do discurso de outras instituições tem como consequência uma reelaboração dessacralizante dos diferentes discursos institucionais.

Para esta reelaboração do discurso das outras instituições, adequando-o às exigências do discurso midiático, as instituições dotam-se habitualmente de um corpo especializado de profissionais da midiatização, constituído nomeadamente por adidos de imprensa, porta-vozes, agentes da informação e de relações públicas.

As fronteiras entre as componentes esotérica e exotérica da dimensão expressiva não são, no entanto, sempre claras nem indiscutíveis, mas marcadas por relações de permanente tensão, que podem muitas vezes despoletar situações de conflito. (idem, p. 233-234).

A segunda reportagem (QUANDO..., 2018) a ser analisada foi publicada no dia 24 de julho de 2018 e tem como título "Quando deixar de vacinar é ilegal no Brasil". Assim como a primeira notícia da *Deutsche Welle* investigada por este artigo, foi escrita pela jornalista Laís Modelli. O texto jornalístico é longo e se utiliza de diversos mecanismos para fomentar o debate público, tais como o uso de dados, documentos – como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – e especialistas da área do Direito. Porém, novamente não há nenhuma fonte da área da saúde pública, como médicos, cientistas, sanitaristas e infectologistas, entre outros.

O conteúdo, no entanto, é trabalhado de forma didática, pois a jornalista busca, por meio da construção de "perguntas e respostas", solucionar as principais dúvidas da população em relação à vacinação obrigatória que, caso não seja cumprida, pode ocasionar multa aos pais que não vacinam seus filhos ou processos por negligência e maus tratos. É válido salientar que, ao longo do texto, o público poderá ter conhecimento de quais são as principais imunizações que compõe o calendário de vacinação infantil, quais são as implicações legais impostas aos pais por não vacinarem seus filhos e quais são as principais causas alegadas por esses indivíduos para não imunizarem seus dependentes. Esquecimento e o movimento antivacinação estão entre as razões apontadas para essa ação.

Essa tática é usualmente usada por espaços dedicados à divulgação científica, como explicam Holzbach e Gomes (2006):

Especialmente no Brasil, é fato que a maioria das discussões acadêmicas sobre jornalismo e saúde se voltam para a importância da saúde em si ou para a análise de espaços dedicados especificamente à divulgação de assuntos de saúde nas revistas especializadas. (idem, p. 70).

Diante desse fato, é possível afirmar que o conteúdo jornalístico produzido pelo portal de notícias fomentou não apenas o debate público, mas a própria democratização do conhecimento. A repórter tornou acessível a difusão científica por meio do seu texto, com linguagem fácil e simples para o público, graças à escolha do esquema de "perguntas e respostas", que separou as informações e deixou-as mais "palpáveis" para os leitores (GIULIO; FIGUEIREDO, 2006).

Sem a assinatura de um jornalista responsável, a última matéria da *BBC News Brasil* (2017) analisada tem como título "Mãe que se recusa a vacinar o filho é presa; entenda a polêmica" e foi publicada no dia 5 de outubro de 2017. A notícia aborda o caso da americana Rebecca Bredown, moradora do Estado de Michigan, que teria sido presa após ter se recusado a cumprir uma ordem judicial para vacinar o seu filho. Ela não queria que o menino, com então nove anos, recebesse imunização, apesar de já ter concordado com o procedimento com o pai da criança, de quem é divorciada.

A lei do Estado de Michigan permite que os pais não vacinem ou atrasem a vacinação dos filhos por crenças pessoais, porém, Bredow acabou descumprindo a ordem judicial emitida após um acordo feito com o pai do menino, que queria que o filho fosse vacinado.

O portal de notícias, ao longo do texto, faz comparações do caso americano com a legislação brasileira, mostrando, por exemplo, que o governo federal dos Estados Unidos não legisla sobre a imunização de crianças e se restringe a emitir recomendações – cabe aos estados e às escolas criar regras específicas. Outro ponto citado na reportagem é o fato de que o Brasil é reconhecido internacionalmente por seu amplo programa de imunização, que disponibiliza vacinas gratuitamente à população por meio do Sistema Único de Saúde (SUS).

Esta matéria, no entanto, não recebe aprofundamento de questões como o movimento antivacinação por

meio de especialistas ou adeptos à iniciativa. Não foi utilizada nenhuma fonte – além dos dados oficiais – para complementar o assunto, algo que estava presente nas duas primeiras reportagens analisadas. Lippmann (2008) reforça esse argumento ao explicar que:

Por decorrência, o ambiente em que nossas opiniões públicas atuam é refratário em muitas maneiras, por censura ou privacidade na fonte, por barreiras físicas e sociais na outra extremidade, por atenção escassa, por pobreza de linguagem, por distração, por constatações inconscientes de sentimentos, por desgaste, violência, monotonia. Estas limitações sobre o nosso acesso ao ambiente combinam com a obscuridade e a complexidade dos próprios fatos que impedem a clareza e a justa percepção, substituindo ficções enganosas por ideias aplicáveis, impedindo-nos de adequados exames do que conscientemente se esforçam em enganar. (idem, p. 78-79).

Não é possível afirmar que o site tenha conduzido a discussão sobre o movimento antivacinação para determinada conclusão. Porém, é inegável o fato de que a inexistência do "ponto de vista" de pessoas que são adeptas da prática pode indicar que há uma predileção apenas por dados e fontes oficiais, algo que não é benéfico para a promoção do debate público sobre o assunto. Questões que envolvem saúde tendem a ser sérias, sendo válido conhecer todos os lados do caso para que o indivíduo possa tecer seus próprios juízos de valor e opiniões sobre o tema.

Embora produza conteúdos mais aprofundados em relação às reportagens publicadas pela *Deutsche Welle*, a *BBC News Brasil* "peca" no quesito isenção. Em inúmeras matérias não há a visão do outro lado da questão do movimento antivacinação, como as dos apoiadores da causa – os pais que não vacinam seus filhos, seja por crenças pessoais, filosóficas ou religiosas. Schudson (2010) destaca que o conceito de objetividade no jornalismo é anômalo. Em um segmento pautado pelos valores de mercado, é preciso compreender que a objetividade se tornou um ideal "quando a impossibilidade de superar a subjetividade na apresentação da notícia passou a ser amplamente

aceita" (idem, p. 185). Ou seja, a subjetividade passou a ser considerada inevitável para os meios de comunicação.

Considerações finais

Os conteúdos produzidos pela *Deutsche Welle* e pela BBC News Brasil contribuíram para homogeneizar a visão científica e das autoridades governamentais sobre a importância de se vacinar. Ambas publicações trouxeram dados e alguns especialistas para reforçar seus argumentos, embora não tenham se focado em explorar comentários de peritos da área da saúde, como médicos, farmacêuticos, sanitaristas e infectologistas, etc.

Para que o debate público ocorra de forma igualitária, é necessário que os dois veículos de comunicação se preocupem em ouvir ambos os lados do movimento antivacinação, algo que não foi feito nem pela empresa inglesa nem pela alemã. Houve citações de pais que não vacinaram seus filhos por crenças pessoais (retiradas de relatórios judiciais), mas não foi registrada nenhuma entrevista com os adeptos dessa iniciativa. Uma das possibilidades de interpretação desse ato é de que os portais de notícias evitaram incentivar a ação contra a vacinação. No entanto, essa atitude não colaborou para um fomento da opinião pública sobre o tema, uma vez que a população só teve acesso a um dos pontos de vista da questão. Sem pluralidade, o cidadão acaba ficando restrito a apenas um tipo de pensamento, sem a possibilidade de ampliar os seus horizontes e tecer suas próprias opiniões sobre o conteúdo.

É preciso que os jornalistas que se dedicam aos temas relativos à saúde pública não fiquem presos apenas aos pareceres e vereditos da classe científica. Eles necessitam se aprofundar nessas questões, trazendo diferentes óticas para que o próprio público possa definir em qual dos "lados" ele se posicionará. Somente dessa forma será possível fomentar a opinião pública, construindo mecanismos adequados para que o indivíduo consiga ter um pensamento livre de amarras ou posições tendenciosas.

Referências Bibliográficas

- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
- BASTOS, F.; PORTO, S. D. Análise hermenêutica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2017.
- BRAGA, J. L. *A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FAUSTO NETO, A. *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a Aids*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- GIULIO, G. M.; FIGUEIREDO, B. R. Divulgação científica nas áreas ambiental e saúde pública. In: SOUSA, C. M.; FERREIRA, J. R.; BORTOLIERO, S. (Orgs.). *Jornalismo científico e educação para as ciências*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.
- GOMES, D. C. A. *Hermenêutica e comunicação: contribuições para compreender a teoria da interpretação e sua aplicação na sociedade midiática*. *NAMID/ UFPB*, ano 9, n. 4, 2015.
- HJARVARD, S. *The mediatization of culture and society*. New York: Routledge, 2013.
- HOLZBACH, A. D.; GOMES, I. M. A. M. O tema saúde na mídia impressa: um estudo de caso. In: SOUSA, C. M.; FERREIRA, J. R.; BORTOLIERO, S. (Orgs.). *Jornalismo científico e educação para as ciências*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.
- LIPPMANN, W. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LUIZ, O. C. *Jornalismo e comunicação da ciência*. Santo André: CESCO, 2004.
- MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2015.
- OLIVEIRA, F. *Jornalismo científico*. São Paulo: Contexto, 2012.

- PEREIRA JÚNIOR, A. Comunicação em saúde pública: uma análise sobre alguns casos bem-sucedidos. In: MARQUES DE MELO, J.; EPSTEIN, I.; SANCHES, C.; BARBOSA, S. (Orgs.). *Mídia e saúde*. Adamantina: Unesco/Umesp/Fai, 2001.
- PITTA, A. M. R. (Org). *Saúde & Comunicação: Visibilidades e Silêncios*. São Paulo: Editora Hucitec - Abrasco, 1995.
- RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOULLIAUD, M.; PORTO, S. D. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- SEIBT, C. L. A hermenêutica heideggeriana e a questão do conhecimento. *Conjectura – Filosofia e Educação*. v. 21, n. 3, p. 188-214, set./dez. 2016.
- SCHUDSON, M. *Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. A Sociedade de Risco Midiatizada, o movimento anti-vacinação e o risco do autismo. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 2, p. 607-616, 2015.
- WEBER, M. H. Comunicação: Estratégia Vital para a Saúde. IN: PITTA, A. M. R. (Org). *Saúde & Comunicação – Visibilidades e Silêncios*. São Paulo: Editora Hucitec – Abrasco, 1995.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Nova campanha traz histórias impactantes para alertar sobre vacinação** Brasília: Ministério da Saúde.. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44493-nova-campanha-traz-historias-impactantes-para-alertar-sobre-vacinacao>. Acesso em: 7 fev. 2019.
- MÃE que se recusa a vacinar o filho é presa; entenda a polêmica. **BBC News Brasil**, 5 out. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41515442>. Acesso em: 7 fev. 2019.
- QUANDO deixar de vacinar é ilegal no Brasil. **BBC News Brasil**, 24 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44948072>. Acesso em: 7 fev. 2019.

OMS vê 'tragédia' em aumento de 400% nos casos de sarampo na Europa. **BBC News Brasil**, 20 fev. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43120990>. Acesso em: 15 out. 2018.

ESTUDO diz que trolls incitam debates antivacinas. **Deutsche Welle**, 24 ago. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/estudo-diz-que-trolls-incitam-debates-antivacinas/a-45211864>. Acesso em: 7 fev. 2019.

COMO é a vacinação pelo mundo. **Deutsche Welle**, 13 jul. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-%C3%A9-a-vacina%C3%A7%C3%A3o-pelo-mundo/a-44667749>. Acesso em: 15 out. 2018.

